

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
AV. COSTÁBILE ROMANO, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2025

ANO 10 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: MARCIA LEÃO

O preço de ser uma mulher preta na universidade

Entre o sonho do diploma superior e o peso do racismo, mulheres pretas seguem afirmando seu lugar

**Repórteres: Mel Silva e
Victória Cabrini**

Aos 62 anos, Márcia Leão reúne uma trajetória marcada pela pesquisa e pela luta por equidade racial e de gênero. Cientista social, com pós-graduação em Psicologia Social e mestrado em Educação, Administração e Comunicação, Márcia hoje é doutoranda em Estudos Africanos e atua como pesquisadora. Na entrevista, ela reflete sobre como a formação universitária pode ou não promover a inclusão efetiva de mulheres negras no mercado de trabalho. Ressalta também a importância da representatividade, das políticas afirmativas e da desconstrução de estereótipos que ainda persistem nas instituições de ensino e nos espaços profissionais.

**MURAL ENTREVISTA-
Começando a nossa
conversa, qual o mais
adequado a se falar: mulher
preta ou negra?**

MÁRCIA LEÃO – Na minha concepção não tem uma definição correta. O importante é você reconhecer com respeito quem é a pessoa que está à sua frente, negra ou preta. Dependendo do jeito que ela é tratada, a definição não interfere. A forma como você usa a expressão preta ou negra é o que conduz a uma questão mais ofensiva ou não.

Como mulher negra, a senhora teve problemas para a inserção na universidade? Se sim, quais?

Apesar de ter me inserido na universidade na década de 1980, que estava no auge do racismo no Brasil, não tive problemas. Eu entendia que era uma mulher preta, criada na periferia, que tive o privilégio de conseguir

entrar numa faculdade, coisa que era raro. Mas, óbvio, eu era a única negra na minha turma. Na universidade toda eu contava meia dúzia de negros. Professores negros? Nenhum. Então se buscar de mim respostas, se foi difícil entrar, se fui barrada por ser negra? Não, isso não aconteceu.

Você acha que hoje em dia é mais fácil do que no passado ver professoras pretas em uma universidade?

De jeito nenhum. Pelo contrário, não mudou nada. Quem está lá é porque teve que lutar, se desdobrar. Essa é a categoria do negro em sociedade. Para se destacar, ele tem que ser o melhor do melhor. E mesmo assim ainda colocam dúvida.

Como a formação universitária habilitou a senhora para enfrentar os obstáculos no mercado de trabalho, considerando a sua identidade como mulher preta?

Como a maioria das pretas, comecei no trabalho braçal muito jovem, tinha 14 anos. Mas, foi na universidade que tive o meu primeiro trabalho em um escritório. Não sofri racismo nesse mercado, mas eram poucas as pessoas pretas que via trabalhando nesse contexto. No geral, a minha inserção não foi complexa, traumática. Porém, você tem que lutar muito, resistir e mostrar para a sociedade que você existe.

Na sua avaliação, as universidades brasileiras estão preparadas para lidar com a questão racial?

Não, e falo por experiência própria. Fui professora universitária, atualmente sou pesquisadora e ainda estou no mundo acadêmico, então vivi a experiência de ver colegas se negando a trabalhar a temática negra. Por quê? Com a Lei 10.639, de 2003, se tornou obrigatório o ensino da história afro na sala de aula.



Todo mundo tinha que apresentar na proposta de ensino, algum projeto ligado a essa atividade. E ouvia descaradamente as pessoas falarem: “Por que eu tenho que falar de preto?”

No caso específico das mulheres, a situação é a mesma?

Não, eu acho que é pior. Porque o olhar para o corpo feminino preto é muito negativo e acabam deixando de lado toda a sua capacidade e conhecimento. E isso acaba acelerando mais ainda o afastamento dessa pessoa no contexto das universidades.

Que papel o racismo estrutural desempenha nesse processo?

O racismo estrutural acontece o tempo todo e é uma coisa que temos que

derrubar. Por exemplo, bolsas de estudos são negadas para as mulheres e, obviamente, para as pretas. Então a maioria que consegue, é por conta própria. Muitas tiram dinheiro do próprio bolso para fazer pesquisas e crescer como acadêmica, porque a própria universidade vai trazendo negações. E a luta é constante.

A senhora acredita que a formação universitária atual prepara as mulheres pretas para enfrentar o ambiente corporativo, ainda marcado por desigualdades?

Não prepara. Quem faz isso é a vida, na minha opinião. Mas como respondi há pouco, se existem empecilhos acadêmicos para que você não avance com

pesquisas, conhecimentos, obviamente essa preparação também não vai acontecer. Até porque dentro dessa questão do racismo em sociedade, essa preparação poderia acontecer quando as discussões fossem pauta de reuniões, de conteúdo acadêmico. E isso não ocorre.

No mercado de trabalho existe um ambiente diversificado e inclusivo?

Existe, mas tem que batalhar muito. Hoje existem instituições e ONGs administradas por pessoas pretas, que ajudam outros pretos a entrarem no mercado. Mas é aquilo, o próprio corpo preto tem que se ajudar, senão a coisa não acontece, infelizmente.

O que a senhora aconselharia para as jovens mulheres pretas que estão ingressando na universidade e sonham com reconhecimento profissional?

Não desista, não pare de lutar. Mas antes de mais nada, se acolha, se aceite e se reconheça. Nunca fique satisfeita com o mínimo e acredite no seu potencial. ◆

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Apuração e Gêneros Jornalísticos, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.

COORDENAÇÃO DO CURSO DE JORNALISMO

Profº Geraldo José Santiago

ORIENTAÇÃO E EDIÇÃO

Profª Elivanete Zuppolini Barbi

PAUTAS, ENTREVISTAS E REDAÇÃO

Alunos da disciplina Apuração e Gêneros Jornalísticos – 2ª etapa

APOIO TÉCNICO

Janio Warlem (Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)